

SERENIDADE NA CRISE: A EPÍSTOLA 24 DE SÊNECA

Renata Cazarini de Freitas^a

RESUMO

Na iminência de uma situação crítica, não há por que antecipar o sofrimento, adverte Sêneca na Epístola 24 da volumosa correspondência de parenética estoica endereçada ao amigo Lucílio. A sofisticação do autor no trato da matéria filosófica adaptada ao gênero epistolográfico vem à tona no uso dos *exempla* e na interlocução direta com a morte. Essa é uma epístola que deixa entrever um contexto político tenso e imprevisível.

PALAVRAS-CHAVE: Sêneca; epistolografia; estoicismo.

“Quod aequissimum est spera et ad id te quod est iniquissimum compara.”

“Tanto espera o que é mais justo como te prepara para o mais injusto.”

(SÊNECA, *Epístola* 24.12)

Recebido em: 27/11/17

Aprovado em: 21/03/18

Introdução

*L*ucius Annaeus Seneca, ou apenas Sêneca, redigiu as cartas de uma suposta troca epistolar com Lucílio Júnior nos anos finais de sua vida, sob o império de Nero, de quem fora preceptor e recebera o título de *amicus principis*, mas que também o impeliu à morte voluntária em 65 d.C., acusando

^a Docente de Língua e Literatura Latina e pesquisadora na UFF; doutoranda do programa de Letras Clássicas da USP.

do-o de envolvimento numa conjuração para depô-lo. Como afirma Roland G. Mayer, do King's College, Sêneca coroou seu longo engajamento com os *exempla*, modelos de comportamento amplamente utilizados pelos estoicos, tornando-se um deles: “Nero soon provided Seneca with an opportunity to exercise courageous resolve and achieve exemplary status” (MAYER, 2008, p. 299).¹

Na Epístola 98, parágrafos 12 e 13, em que elenca modelos históricos para provar que situações terríveis podem ser superadas, Sêneca exorta seu interlocutor nas cartas a que “também nós mesmos realizemos algo com a força do espírito e integremos o rol dos *exempla*” [*Ep. 98. 12-13: Nos quoque aliquid et ipsi faciamus animose; simus inter exempla.*]²

Além do seu protagonismo político, relatado em fontes historiográficas da Antiguidade, como Tácito (*Annales*) e Suetônio (*De uita Caesarum*), Sêneca produziu uma obra literária que tem persistido por vinte séculos. É atribuído a ele um *corpus* dramaturgico de dez tragédias em latim, das quais teria sido o autor de fato de oito, uma sátira menipeia, tratados filosóficos, textos fragmentários e a importante coleção de 124 epístolas, volumosa ainda que incompleta: restam-nos 20 dos 22 livros a que se refere o autor Aulo Gélilo (*Noctes atticae XII.2.3*). Essa troca epistolar, embora não se possa garantir que tenha ocorrido, foi editada, certamente, para que chegasse à posteridade, como afirma Sêneca em mais de uma ocasião.

Na Epístola 21.5, ele assevera: “O que Epicuro pôde prometer a seu amigo, a ti eu prometo, Lucílio: terei prestígio entre os pósteros, posso erigir nomes duradouros junto com o meu”. [*Ep. 21.5: Quod Epicurus amico suo potuit promittere, hoc tibi promitto, Lucili. Habebo apud posteros gratiam, possum mecum duratura nomina educere.*]

Na Epístola 8.6, referindo-se ao seu afastamento tanto da vida pública como dos próprios negócios e às vantagens de dedicar-se, então, à filosofia, ele diz: “Se falo disso comigo mesmo, se falo disso com os pósteros, não te parece que estou sendo mais útil do que se comparecesse como advogado em juízo,

¹ “Nero logo deu a Sêneca a oportunidade de exercer sua determinação corajosa e de alcançar o *status* de exemplo”.

² Todas as citações em latim de epístolas de Sêneca são da edição de L. D. Reynolds, de 1965, pela Oxford University Press, conforme as referências bibliográficas. As traduções do latim ao português são minhas, assim como do inglês e do italiano.

se imprimisse meu sinete nas tabuinhas de um testamento ou se emprestasse minha fala e meu apoio a um candidato no Senado?”. [Ep.8.6: *Si haec mecum, si haec cum posteris loquor, non uideor tibi prodesse quam cum ad uadimonium aduocatus descenderem, aut tabulis testamenti anulum imprimerem, aut in senatu candidato uocem et manum commodarem?*]

Com argúcia, o professor do King’s College declara: “*No other literary genre was so well adapted to the role he was creating for himself. The Letters require self-exposure, as the treatises and essays do not. Seneca exploited the new form fully in transmitting the portrait of his moral consciousness*” (MAYER, 2008, p. 314).³

Sobre a epistolografia, é preciso notar que, já na Antiguidade clássica, foi feita alguma preceituação para esse gênero literário. Entre os séculos II a.C. e I a.C., certo Demétrio, de identidade controversa, escreveu em grego o tratado *Sobre o Estilo (Peri hermeneias)*, incluindo 15 brevíssimos parágrafos a respeito do discurso epistolográfico. Também Cícero⁴ e Sêneca, por exemplo, tratam, em latim, da formulação ideal da carta.

Na Epístola 75.1, Sêneca diz a Lucílio: “Tal como seria minha conversa se estivéssemos sentados ou caminhando juntos, simples e fluente, assim quero que sejam minhas epístolas, elas que nada têm de estranho e artificial”. [Ep.75.1: *Qualis sermo meus esset si una sederemus aut ambularem, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas uolo, quae nihil habent accersitum nec fictum.*]

As cartas deveriam ser breves, evitando o risco de se tornarem tratados, feitas num registro de oralidade sem serem vulgares demais, como se uma

³ “Nenhum outro gênero literário estava tão bem adaptado ao papel que ele estava criando para si mesmo. As *Epístolas* exigem auto-exposição, como os tratados e os ensaios não fazem. Sêneca explorou totalmente a nova forma ao transmitir o retrato de sua consciência moral”.

⁴ CÍCERO, *Ad familiares*, 9.21.1: “Que te pareço nas epístolas? Não te trato informalmente? Nem sempre tem que ser igual. Afinal o que é que uma epístola tem em comum com um julgamento ou com uma assembleia? Nem mesmo julgamentos, costumamos tratar todos de uma maneira só: somos mais singelos nas causas particulares e discretas, naturalmente mais elaborados nas de fama e prestígio. Com palavras cotidianas é meu hábito redigir as cartas”. [*quid tibi uideor in epistulis? nonne plebeio sermone agere tecum? nec enim semper eodem modo. quid enim simile habet epistula aut iudicio aut contioni? quin ipsa iudicia non solemus omnia tractare uno modo, priuatas causas et eas tenuis agimus subtilius, capitis aut famae scilicet ornatus, epistulas uero cottidianis uerbis texere solemus.*]

das partes de um diálogo, abordando tópicos recorrentes, como a amizade e a saúde. Demétrio afirma no parágrafo 231 de *Sobre o estilo*: “A carta tem por intenção ser uma breve mostra de amizade e uma exposição sobre algum assunto simples e com palavras simples” (DEMÉTRIO *apud* FREITAS, 2016, p.208). Como diz George Alexander Kennedy (1994, p.89), a abordagem de Demétrio “*presumably reflects the increasing role of the epistle, public and private, literary and nonliterary, in the Hellenistic period*”.⁵ A surpresa, segundo o pesquisador, está em por que outros não haviam escrito sobre prática tão disseminada. A coleção de cartas de Sêneca, ainda que reproduza esses preceitos genéricos, exhibe não só variedade temática como de extensão.

Anna Lydia Motto e John R. Clark, que escreveram dezenas de artigos acerca de Sêneca e sua obra nas décadas de 1970 a 1990, apontam como tópicos da prosa do autor latino a brevidade epigramática, a concisão, o balanceamento na composição e a antítese (MOTTO e CLARK, 1993, p.13). Piero Santini (2011, p. 93), da Universidade de Florença, vê na prosa senequiana “*un tutto a suo modo armonico e simmetrico*”⁶ pautado pelo paralelismo combinado com a *uariatio*, resultando numa expressividade que foi alvo das críticas de Quintiliano na *Institutio Oratoria* (X.I.126) pelo seu discurso supostamente evitado de *dulcia uitia* ou (d)efeitos tentadores, como as *sententiae*: “Naquele momento quase que exclusivamente Sêneca esteve nas mãos dos jovens. Eu não me esforçava completamente para lançá-lo de todo fora, mas não consentia que ele fosse colocado à frente de outros mais vigorosos, aos quais ele não desistia de atacar” (tradução de A. M. de Rezende) (QUINTILIANO *apud* REZENDE, 2010, p.227). [*I.O. X.I.126: Tum autem solus hic fere in manibus adulescentium fuit. Quem non equidem omnino conabar excutere, sed potioribus praeferrere non sinebam, quos ille non destiterat incessere.*]

Contudo, na Epístola 115.2, Sêneca claramente ataca o artificialismo: “Se vires um discurso, não importa de quem, rebuscado e lustroso, saiba que também seu espírito está igualmente ocupado com ninharias”. [*Ep.115.2: Cuiuscumque orationem uideris sollicitam et politam, scito animum quoque*

⁵ “presumivelmente reflete o crescente papel da epístola, pública e privada, literária e não-literária, no período helenístico”.

⁶ “um todo, ao seu modo, harmônico e simétrico”.

non minus esse pusillis occupatum.] Na Epístola 59.5, ele diz que Lucílio está isento dessa falta: “É tudo conciso e adequado ao tema. Falas o quanto queres e dizes mais do que falas, o que é indício de algo maior: revela um espírito que também nada tem de supérfluo, nada de empolado”. [*Ep.59.5: Pressa sunt omnia et rei aptata. Loqueris quantum uis et plus significas quam loqueris. Hoc maioris rei indicium est: apparet animum quoque nihil habere superuacui nihil tumidi.*]

Mas é fato, como salienta Kennedy (1994, p.173) com base nos textos antigos supérstites, que o predominante “*declamatory style*” de frases curtas, transições abruptas, metáforas forçadas e gosto pelas *sententiae* passou a ser combatido nas últimas décadas do século I d.C., movimento do qual Quintiliano (35-100 d.C.) é um porta-voz. Na Epístola 24, que será analisada em detalhe, a *brevitas*, entendida como concisão, pode até dificultar a fluência da leitura em português se a tradução – justamente a que adotei – respeitar esse traço da identidade autoral ou, como diríamos hoje, do “estilo”. Trata-se de estrutura de coordenação ou parataxe, com baixo grau de subordinação, sem os longos períodos de um autor como Cícero, por exemplo.

A Epístola 24

Sobre essa epístola de Sêneca, Elaine Fantham (SENECA, 2010a, p.83) afirma ser “*one of his most impassioned, maximizing the rhetoric of death in order to inspire fearless courage*”.⁷ A estrutura da Epístola 24, que tem 26 parágrafos, portanto uma extensão média, se articula com sofisticação. Tem início com um tema em andamento, como se *in medias res*, com o autor retomando um assunto supostamente da carta anterior em que Lucílio teria manifestado a preocupação com o desfecho de uma ação judicial em que era o réu. Não só Sêneca se recusa a dar uma palavra de ânimo ao destinatário, como o recrimina por estar antecipando o sofrimento diante de uma crise que, embora iminente, ainda não chegou. E mais: Sêneca afirma que é preciso estar sempre preparado para o pior.

⁷ “uma das mais fervorosas, maximizando a retórica da morte, a fim de inspirar coragem destemida”.

Não é uma carta consolatória; ele, no entanto, se propõe a conduzir Lucílio pela via do conhecimento filosófico que leva à serenidade (*ad securitatem*), à tranquilidade, à segurança, no sentido etimológico latino da palavra (*se-cura*), ou seja, à ausência de preocupação. Isso é possível quando se conhece a real dimensão dos males.

Sed ego alia te ad securitatem uia ducam: si uis omnem sollicitudinem exuere, quidquid ueris ne eueniat euenturum utique proponere, et quodcumque est illud malum, tecum ipse metire ac timorem tuum taxa: intelleges profecto aut non magnum aut non longum esse quod metuis. (Ep. 24.2)

Mas eu te conduzirei por outra via rumo à serenidade. Se desejas livrar-te de toda preocupação, passa a prever que está para acontecer, de um modo ou de outro, tudo o que temes que aconteça e, qualquer que seja esse mal, mede-o contigo mesmo e calcula teu temor: vais entender, com certeza, que não é grande nem prolongado o que te causa medo.

E qual será o maior temor de Lucílio? Para medir-se com seu maior temor, para ter a perspectiva correta do que realmente se deve temer – isto é, não temer uma mera ação judicial – o destinatário da carta precisa ser confrontado com *exempla*, modelos da história elencados entre os parágrafos 3 e 11.

É particularmente interessante que, na Epístola 6.5, Sêneca defenda um encontro presencial com seu pupilo como mais importante do que a leitura para o aprendizado, justificando que “é longo o caminho dos preceitos, curto e eficaz o dos *exempla*” [*Ep.6.5: quia longum iter est per praecepta, breue et efficax per exempla.*]. O autor se apresenta aqui como um *exemplum* em potencial para Lucílio. Na Epístola 11.10, após ter citado em latim uma passagem famosa atribuída a Epicuro,⁸ o missivista encoraja o destinatário a escolher um homem exemplar como diretor de consciência: “Que o espírito tenha alguém

⁸ EPICURO, Frag. 210 Usener: “Devemos nos afeiçoar a um bom cidadão e tê-lo sempre à nossa vista de tal forma que vivamos como se ele estivesse nos observando e tudo façamos como se ele estivesse nos vendo”. [*Aliquis uir bonus nobis diligendus est ac semper ante oculos habendus, ut sic tamquam illo spectante uiuamus et omnia tamquam illo uidente faciamus.*]

a quem reçar, e com autoridade tal que o faça tornar mais puro até o que mantém em segredo” [Ep. 11.9: *Aliquem habeat animus, quem uereatur, cuius auctoritate etiam secretum suum sanctius faciat.*]

Se nem todos *exempla* são relatos de sucesso, ao menos demonstraram arrojo. O que pode ser pior do que as situações de exílio, prisão, mutilação, morte pelas quais passaram esses modelos? E nem é preciso procurar muito, diz Sêneca, é só escolher entre tantos. Rutilio e Metelo enfrentaram o exílio. Sócrates recusou o exílio voluntário e preferiu o cárcere e a morte. Múcio, depois de ter fracassado no atentado contra o rei etrusco Porsena, que tentava restabelecer a monarquia em Roma, mutilou a própria mão no fogo, cobrando de si mesmo uma punição. Esse homem não tinha formação filosófica, desconhecia os preceitos estoicos ou quaisquer outros, mas foi um *exemplum*. Numa frase de efeito no quinto parágrafo, Sêneca afirma: “Ele poderia ter feito naquele acampamento militar algo mais ditoso, nada mais corajoso” [Ep. 24.5: *Facere aliquíd in illis castris felicius potuit, nihil fortius.*]

O *exemplum* seguinte é o principal para Sêneca, que se repete em outras obras do autor, o de Catão de Útica, que se matou ao ver que a República cedia ao poder individual de Júlio César. O relato emocionante, de três parágrafos, é destacado dos demais pela interpolação de uma suposta reação do destinatário da carta, um traço de diatribe entre outros que podem ser identificados nas várias situações de simulação de diálogo, quando Sêneca, segundo Stanley Kent Stowers (1981, p. 71), “*frequently shifts from the simple friendly tone of the letter to the didactic style of the diatribe with its method of indictment and proreptic*”.⁹ Isso ocorre na Epístola 24.6, quando é simulada uma reação de Lucílio à lista dos *exempla*, antecipando a menção a Catão de Útica como mais uma cantilena (*decantatae fabulae istae*), mais uma narrativa maçante ensinada na escola. Seguindo a linha de raciocínio de Stowers (1981, p. 72), pode-se constatar que não há nada de individual, nada de particular na intervenção de Lucílio: é como se ele fosse um boneco de ventríloquo expressando uma opinião comum. A exemplificação segue com um dos Cipíões tentando mostrar-se à altura de seus antepassados ilustres das Guerras Púnicas.

⁹ “freqüentemente muda do simples tom amistoso da carta para o estilo didático da diatribe, com seu método de atacar e agradar”.

É só no parágrafo 12, praticamente no meio do texto, que Sêneca retoma a situação crítica de Lucílio, aquela que abriu a carta: “Desse modo, ouve com serenidade as ameaças do teu inimigo e, ainda que tua consciência te traga confiança, contudo, visto que muitas circunstâncias externas à causa têm peso, tanto espera o que é mais justo como te prepara para o mais injusto” [Ep.24.12: *Securus itaque inimici minas audi; et quamuis conscientia tibi tua fiduciam faciat, tamen, quia multa extra causam ualent, et quod aequissimum est spera et ad id te quod est iniquissimum compara.*]

O argumento que se segue no parágrafo 13 coloca homens adultos agindo como se fossem meninos assustados com pessoas mascaradas. Situações também podem ser mascaradas. Abruptamente, então, Sêneca passa a se dirigir à morte no parágrafo 14, como que a desmascará-la, desfazendo dela e da pompa e circunstância que a acompanham: a turba de carrascos e equipamentos de tortura para arrancar denúncias. A morte é, então, equiparada à dor – seja a do doente de gota, seja a da parturiente. Em mais uma frase de efeito, modelar em sua formulação balanceada de dois períodos condicionais, Sêneca afirma: “Se posso te suportar, és leve; se não posso, és breve” [Ep. 24.14: *Leuis es si ferre possum; breuis es si ferre non possum.*]

Comentando o parágrafo 14 da Epístola 24, Fantham considera a passagem um tanto exagerada (“*somewhat rhetorical*”) diante da situação privilegiada dos cidadãos romanos mais nobres, mas admite que “*under the tyrannical principates of Gaius (Caligula) and Nero men politically suspect were executed and could be tortured*” (SENECA, 2010a, p.283).¹⁰ A formulação desse parágrafo e a do seguinte evocam uma situação política tensa, a respeito da qual não se fala abertamente, mas cujas sombras pairam como ameaças sobre esses homens. Diz Sêneca no parágrafo 15: “O quê? Só agora tomaste ciência da ameaça permanente da morte? Só agora, do exílio? Só agora, da dor? Nascestes para isso. Tudo que pode nos acontecer, devemos pensar que está prestes a acontecer” [Ep.24.15: *Quid? Tu nunc primum tibi mortem imminere scisti, nunc exilium, nunc dolorem? In haec natus es; quidquid fieri potest quasi futurum cogitemus.*]

¹⁰ “sob os principados tirânicos de Gaio (Calígula) e Nero, homens politicamente suspeitos foram executados e podiam ser torturados”.

Contudo, essa é uma preocupação que não deve sufocar o espírito, que precisa de forças para se reerguer. E o espírito deve abdicar da causa individual em favor da causa pública. O corpo deve ser reconhecido como frágil e mortal, sujeito a marcas de uma agressão ou de violência maior, tal como dos prazeres desmedidos, que os estoicos condenavam. No parágrafo 17, Sêneca retoma as situações críticas com visão serena: tornar-se pobre é estar entre a maioria, ser exilado é como adquirir nova pátria, ser preso é apenas persistir na condição atual do espírito submetido ao corpo. Quando se diz que se vai morrer, está-se simplesmente dizendo que não se vai mais adoecer, nem ser preso, nem – é claro – morrer de novo.

O pós-morte é o que vem a seguir, no parágrafo 18, quando Sêneca aponta duas possibilidades: ou a morte aniquila ou liberta. Se a alma não vive, nada nos aguarda; se libertada do corpo, algo melhor nos espera. Essa mesma dupla perspectiva sobre a imortalidade da alma é abordada no desfecho da Epístola 65, quando ele afirma: “Sejamos fortes diante do que é fortuito, não nos abalemos com injúrias, nem com golpes, nem com amarras, nem com a indignância. O que é a morte? Ou fim ou transição” [*Ep. 65.24: fortes simus aduersus fortuita; non contremescamus iniurias, non uulnera, non uincula, non egestatem. Mors quid est? Aut finis aut transitus.*]

Brad Inwood é categórico: “*We cannot assume that Seneca adopts a Platonic view identifying the self with an immortal soul; it is left an open question what ‘we’ truly are, where the locus of our diachronic unity is to be found*”¹¹ (SENECA, 2010b, p.130). É preciso notar que essa indefinição não leva Sêneca a expurgar do relato acerca do suicídio de Catão de Útica, *exemplum* estoico, como já foi dito, a leitura sobre a morte de Sócrates, supostamente o diálogo *Fédon*, de Platão.

Entre os parágrafos 19 e 21, Sêneca cita versos do seu interlocutor, Lucílio, abordando um lugar-comum, o da jornada para a morte. No parágrafo 20, Sêneca ilustra essa ideia com um argumento sustentado parcialmente em frases curtas justapostas, com o uso expressivo, no início do trecho, da antítese da vida que embute a morte:

¹¹ “Não podemos supor que Sêneca adote uma visão platônica identificando o eu [*self*] com uma alma imortal. Fica uma questão em aberto: o que ‘nós’ realmente somos, onde se encontra o ponto de nossa unidade diacrônica”.

Cotidie morimur; cotidie enim demitur aliqua pars uitae, et tunc quoque cum crescimus uita decrescit. Infantiam amisimus, deinde pueritiam, deinde adulescentiam. Usque ad hesternum quidquid transiit temporis periiit; hunc ipsum quem agimus diem cum morte diuidimos. (Ep.24.20)

Morremos um pouco a cada dia. De fato, a cada dia, uma parte da vida se perde. Então, também, enquanto crescemos, a vida decresce. Perdemos a infância, em seguida, a puerícia, em seguida, a adolescência. Todo o tempo que passou até o dia de ontem está extinto. Este dia mesmo que estamos vivendo, o dividimos com a morte.

Depois, com elegância intelectual, diz preferir que o destinatário leia a si mesmo do que ao autor da missiva e faz a citação de dois versos que foram, a partir desse texto, recolhidos como um fragmento de *Lucilius Iunior*: na edição do filólogo Willy Morel, de 1927, é o fragmento 3 dos *Fragmenta poetarum latinorum*.

No parágrafo 22, Sêneca inicia o desfecho da carta. Como acontece em várias epístolas, ele oferece máximas epicuristas como um agrado final. É curioso que o autor trate aqui de criticar a busca açodada pela morte voluntária (diferente dos casos exemplares de Sócrates e de Catão de Útica), que, segundo ele, parece ter se tonado uma febre: *libido moriendi*. O desfecho mesmo, no último parágrafo, é ainda mais curioso, porque a filosofia acaba sendo responsabilizada pelo fastio com a vida – e, supostamente, até o estoicismo, que apregoa o fim e o recomeço do mundo pela conflagração: tudo passa para que possa voltar. A carta se encerra com a frase: “Há muitos que julgam que viver não é amargo, mas supérfluo.” [*Ep.24.26: Multi sunt qui non acerbum iudicent uiuere sed superuacuum.*]

Ofereço uma versão integral revisada da Epístola 24 em língua portuguesa:¹²

¹² Versão anterior publicada na seleção de cartas *Edificar-se para a morte* (Vozes, 2016).

Seneca Lucilio suo salutem

24.1 Sollicitum esse te scribis de iudicii eventu, quod tibi furor inimici denuntiat; existimas me suasurum ut meliora tibi ipse proponas et adquiescas spei blandae. Quid enim necesse est mala accersere, satis cito patienda cum venerint praesumere, ac praesens tempus futuri metu perdere? Est sine dubio stultum, quia quandoque sis futurus miser, esse iam miserum.

24.2 Sed ego alia te ad securitatem via ducam: si vis omnem sollicitudinem exuere, quidquid vereris ne eveniat eventurum utique propones, et quodcumque est illud malum, tecum ipse metire ac timorem tuum taxa: intelleges profecto aut non magnum aut non longum esse quod metuis.

24.3 Nec diu exempla quibus confirmeris colligenda sunt: omnis illa aetas tulit. In quamcumque partem rerum vel civilium vel externarum memoriam miseris, occurrent tibi ingenia aut profectus aut impetus magni. Numquid accidere tibi, si damnaris, potest durius quam ut mittaris in exi-

Saudação de Sêneca a Lucílio.

1. Estás preocupado, segundo escreves, com o desfecho do processo em que és acusado devido à fúria de um inimigo. Pensas que estou pronto a persuadir-te de que deves prever o melhor e de que deves ter confiança e esperança. Qual a necessidade, de fato, de lidar já com esses males, antecipar o que vais sofrer logo que eles ocorrerem, desperdiçando o momento presente por medo do futuro? Sem dúvida, é tolice que já estejas infeliz porque futuramente podes ser infeliz.

2. Mas eu te conduzirei por outra via rumo à serenidade. Se desejas livrar-te de toda preocupação, passa a prever que está para acontecer, de um modo ou de outro, tudo o que temes que aconteça e, qualquer que seja esse mal, mede-o contigo mesmo e calcula o teu temor: vais entender, com certeza, que não é grande nem prolongado o que te causa medo.

3. E não custa muito reunir exemplos com os quais te fortaleças: cada época teve os seus. De qualquer capítulo da história política ou militar que puxes pela memória há de te ocorrer pessoas engenhosas, seja pelo êxito seja pelo grande arrojo. Se fores condenado, o que de pior pode te acontecer do que ser enviado ao exílio, do que ser levado ao cárcere? O

lium, ut ducaris in carcerem? Numquid ultra quicumque ulli timendum est quam ut uratur, quam ut pereat? Singula ista constitue et contemptores eorum cita, qui non quaerendi sed eligendi sunt.

24.4 *Damnationem suam Rutilius sic tulit tamquam nihil illi molestum aliud esset quam quod male iudicaretur. Exilium Metellus fortiter tulit, Rutilius etiam libenter; alter ut rediret rei publicae praestitit, alter reditum suum Sullae negavit, cui nihil tunc negabatur. In carcere Socrates disputavit et exire, cum essent qui promitterent fugam, noluit remansitque, ut duarum rerum gravissimarum hominibus meritum demeret, mortis et carceris.*

24.5 *Mucius ignibus manum inposuit. Acerbum est uri: quanto acerbius si id te faciente patiaris! Vides hominem non eruditum nec ullis praeceptis contra mortem aut dolorem subornatum, militari tantum robore instructum, poenas a se inriti conatus exigentem; spectator destillantem in hostili foculo dexterarum stetit nec ante removit nudis ossibus fluentem manum*

que alguém pode temer mais do que ser queimado, do que perecer? Defina uma a uma essas situações e chama como testemunha os que as desdenharam, que não precisam nem ser procurados, só selecionados.

4. Rutilio aguentou sua condenação como se nada o incomodasse exceto que tivesse sido julgado injustamente. Metelo aguentou o exílio com bravura, Rutilio até mesmo de bom grado: o primeiro serviu à República ao retornar, o outro disse “não” à oferta de retorno feita por Sula, a quem, então, não se negava nada. No cárcere, Sócrates debateu filosofia e não quis partir, embora houvesse pessoas que lhe prometessem o exílio, e ficou para eliminar o medo que o ser humano tem de duas coisas seríssimas: a morte e o cárcere.

5. Múcio colocou a própria mão nas chamas. É atroz se queimar; ainda mais atroz se fores o agente do teu próprio sofrimento. Aqui tens um homem que não era erudito nem equipado com quaisquer preceitos contra a morte ou a dor, instruído apenas no vigor militar, cobrando de si uma punição pelo esforço mal fadado. Manteve-se em pé assistindo à desintegração de sua mão direita no braseiro do inimigo e não removeu a mão que se desfazia em ossos nus até que foi

quam ignis illi ab hoste subductus est. Facere aliquid in illis castris felicius potuit, nihil fortius. Vide quanto acrior sit ad occupanda pericula virtus quam crudelitas ad inroganda: facilius Porsenna Mucio ignovit quod voluerat occidere quam sibi Mucius quod non occiderat.

24.6 ‘Decantatae’ inquis ‘in omnibus scholis fabulae istae sunt; iam mihi, cum ad contemnendam mortem ventum fuerit, Catonem narrabis.’ Quidni ego narrem ultima illa nocte Platonis librum legentem posito ad caput gladio? Duo haec in rebus extremis instrumenta prospexerat, alterum ut vellet mori, alterum ut posset. Compositis ergo rebus, utcumque componi fractae atque ultimae poterant, id agendum existimavit ne cui Catonem aut occidere liceret aut servare contingeret;

24.7 et stricto gladio quem usque in illum diem ab omni caede purum servaverat: ‘nihil’ inquit ‘egisti, fortuna, omnibus conatibus meis obstando. Non pro mea adhuc sed pro patriae libertate pugnavi, nec agebam tanta pertinacia ut liber, sed ut inter liberos

subtraído o fogo pelo próprio inimigo. Ele poderia ter feito naquele acampamento militar algo mais ditoso, nada mais corajoso. Observa como a coragem para enfrentar os perigos é mais impetuosa do que a crueldade para causá-los. Porsenna perdoou mais facilmente Múcio por que este tinha desejado matá-lo do que Múcio a si mesmo por que não o matara.

6. Dizes: “Tais histórias foram decantadas em todas as escolas, logo vais falar-me de Catão quando tratares do desdém que se deve ter pela morte”. E por que não devo falar que ele lia o livro de Platão naquela última noite, com a espada colocada junto à cabeça? Naquela situação extrema, ele havia contemplado dois instrumentos, um que o estimulasse a morrer, outro que tornasse isso possível. Logo, resolvida a situação, tanto quanto podia ser resolvida uma situação crítica e derradeira, ele considerou necessário evitar que a alguém ou fosse permitido matar ou coubesse salvar Catão.

7. Com a espada em riste, que até aquele dia ele preservara isenta de qualquer crime, ele disse: “Nada conseguiste, fortuna, interpondo-se a todos os meus esforços. Até agora não foi pela minha liberdade, mas pela da pátria que eu lutei, nem eu agia com tanta determinação para que pudesse viver livre, mas entre ho-

viverem. Nunc quoniam deploratae sunt res generis humani, Cato deducatur in tutum.’

24.8 Inpressit deinde mortiferum corpori vulnus; quo obligato a medicis cum minus sanguinis haberet, minus virium, animi idem, iam non tantum Caesari sed sibi iratus nudas in vulnus manus egit et generosum illum contemptoremque omnis potentiae spiritum non emisit, sed eiecit.

24.9 Non in hoc exempla nunc congero ut ingenium exerceam, sed ut te adversus id quod maxime terribile videtur exhorter; facilius autem exhortabor, si ostendero non fortes tantum viros hoc momentum efflandae animae contempsisse, sed quosdam ad alia ignavos in hac re aequasse animum fortissimorum, sicut illum Cn. Pompei socerum Scipionem, qui contrario in Africam vento relatus cum teneri navem suam vidisset ab hostibus, ferro se transverberavit et quaerentibus, ubi imperator esset, ‘Imperator’ inquit ‘se bene habet’.

24.10 Vox haec illum patrem maioribus fecit et fatalem Scipionibus in Africa gloriam

mens livres. Agora, visto que é deplorável a situação do gênero humano, Catão deve se retirar para um lugar seguro”.

8. Em seguida, ele se infligiu uma ferida mortal. Depois de suturada pelos médicos, embora tivesse menos sangue, menos forças, idêntico ânimo, já não irado apenas com César, mas consigo mesmo, levou suas mãos nuas à ferida e aquele generoso sopro de vida, que desdenhava todo poder, ele não o desalojou, mas o expulsou.

9. Não trago aqui, agora, exemplos para exercitar meu engenho, mas para exortar-te a fazer frente ao que te aparenta ser o mais terrível. Ora, exortar-te será mais fácil se eu mostrar que não apenas homens valentes desdenharam esse momento em que se exala a anima, mas que certos homens covardes para outras coisas, nessa situação, se igualaram em espírito aos mais valentes, tal como aquele Cipião, sogro de Gneu Pompeu, que, levado por um vento contrário à África, depois que viu sua embarcação ser tomada pelos inimigos, trespassou-se com a espada e, aos que perguntavam onde estava o comandante, dizia: “O comandante passa bem”.

10. Essa frase o equiparou a seus antepassados e não permitiu que a glória predestinada aos Cipiãoes na África

non est interrumpi passa. Multum fuit Carthaginem vincere, sed amplius mortem. ‘Imperator’ inquit ‘se bene habet’: an aliter debebat imperator, et quidem

Catonis, mori?

24.11 Non revoco te ad historias nec ex omnibus saeculis contemptores mortis, qui sunt plurimi, colligo; respice ad haec nostra tempora, de quorum languore ac deliciis querimur: omnis ordinis homines suggerent, omnis fortunae, omnis aetatis, qui mala sua morte praeciderint. Mihi crede, Lucili, adeo mors timenda non est ut beneficio eius nihil timendum sit.

24.12 Securus itaque inimici minas udi; et quamvis conscientia tibi tua fiduciam faciat, tamen, quia multa extra causam valent, et quod aequissimum est spera et ad id te quod est iniquissimum compara. Illud autem ante omnia memento, demere rebus tumultum ac videre quid in quaque re sit: scies nihil esse in istis terribile nisi ipsum timorem.

24.13 Quod vides accidere pueris, hoc nobis quoque maiusculis pueris evenit: illi quos amant,

fosse interrompida. Foi um grande feito vencer Cartago, mas maior vencer a morte. Ele disse: “O comandante passa bem”. Ou devia um comandante – e, por sinal, de Catão – morrer de maneira diferente?

11. Não te levo de volta à história, nem reúno os que têm demonstrado desdém pela morte através dos séculos, que são muitos. Olha para a nossa época, da qual nos queixamos pela languidez e pelas futilidades: surgirão pessoas das diferentes ordens, de diferentes sortes, de idades diferentes, que se desligaram de seus males com a morte. Acredita em mim, Lucílio, não se deve temer a morte para que se beneficie de nada temer.

12. Desse modo, ouve com serenidade as ameaças do teu inimigo e, ainda que tua consciência te traga confiança, visto que muitas circunstâncias externas à causa têm peso, tanto espera o que é mais justo como te prepara para o mais injusto. Ora, lembra-te, acima de tudo, de eliminar o que convulsiona as situações e de enxergar o que existe em cada uma delas: descobrirás que não há nada de terrível exceto o próprio temor.

13. O que vês acontecer a meninos também se passa conosco, meninos crescidos: as pessoas que eles amam, com as

quibus adsueverunt, cum quibus ludunt, si personatos vident, expavescunt: non hominibus tantum, sed rebus persona demenda est et reddenda facies sua.

24.14 Quid mihi gladios et ignes ostendis et turbam carnicum circa te frementem? Tolle istam pompam sub qua lates et stultos territas: mors es, quam nuper servus meus, quam ancilla contempsit. Quid tu rursus mihi flagella et eculeos magno apparatu explicas? Quid singulis articulis singula machinamenta quibus extorqueantur aptata et mille alia instrumenta excarnificandi particulatim hominis? Pone ista quae nos obstupefaciunt; iube contiscere gemitus et exclamationes et vocum inter lacerationem elisarum acerbiter: nempe dolor es, quem podagricus ille contemnit, quem stomachicus ille in ipsis deliciis perfert, quem in puerperio puella perpetitur. Levis es si ferre possim; brevis es si ferre non possim.

24.15 Haec in animo voluta, quae saepe audisti, saepe dixisti; sed an vere audieris, an vere dixeris, effectu proba; hoc enim turpissimum est quod nobis obi-

quais estão acostumados, com as quais brincam, se as veem mascaradas, assustam-se. É preciso desmascarar não só as pessoas, mas as situações, e a elas devolver sua feição verdadeira.

14. Por que diante de mim ostentas espadas e chamas e uma turba de carrascos ruidosa à tua volta? Priva-te dessa pompa sob a qual te ocultas e com a qual aterrorizas os estúpidos: és a morte, que um escravo meu e uma criada, recentemente, desdenharam. Por que com tanta circunstância exhibes a mim, de novo, chibatadas e equipamentos de tortura? Por que diferentes máquinas aptas a romper diferentes articulações e mil outros instrumentos de trinchar pessoas pedaço por pedaço? Põe de lado estas coisas que nos deixam estupefatos. Comanda que se calem os gemidos e os gritos e a atrocidade de falas arrancadas em meio a dilacerações: sem dúvida, és a dor que o doente de gota desdenha, que o dispéptico desafia com suas delícias, que a parturiente prova no parto. Se posso te suportar, és leve; se não posso, és breve.

15. Revolve no teu espírito isto que tantas vezes ouviste, tantas vezes falaste. Mas se ouviste de verdade, se falaste de verdade, prova-o com resultados. De fato, o mais vergonhoso é que costumam

ci solet, verba nos philosophiae, non opera tractare. Quid? Tu nunc primum tibi mortem inminere scisti, nunc exilium, nunc dolorem? In haec natus es; quidquid fieri potest quasi futurum cogitemus.

24.16 Quod facere te moneo scio certe fecisse; nunc admoneo ut animum tuum non mergas in istam sollicitudinem; hebetabitur enim et minus habebit vigoris cum exsurgendum erit. Abduc illum a privata causa ad publicam; dic mortale tibi et fragile corpusculum esse, cui non ex iniuria tantum aut ex potentioribus viribus denuntiabitur dolor: ipsae voluptates in tormenta vertuntur, epulae cruditatem adferunt, ebrietates nervorum torporem tremoremque, libidines pedum, manuum, articulorum omnium depravationes.

24.17 Pauper fiam: inter plures ero. Exul fiam: ibi me natum putabo quo mittar. Alligabor: quid enim? Nunc solutus sum? Ad hoc me natura grave corporis mei pondus adstrinxit. Moriar: hoc dicis, desinam aegrotare posse, desinam alligari posse, desinam mori posse.

nos acusar de lidarmos apenas com a literatura filosófica, não com a sua prática. O quê? Só agora tomaste ciência da ameaça permanente da morte? Só agora, do exílio? Só agora, da dor? Nasceste para isto. Tudo que pode nos acontecer, devemos pensar que está prestes a acontecer.

16. O que conselho que façás, sei que certamente o fizeste. Agora advirto que não deixes essa preocupação sufocar teu espírito, pois ele estará mais fraco e terá menos energia quando tiver que se reerguer. Afasta-o da causa individual em favor da causa pública. Diz que é frágil e mortal esse teu débil corpo, no qual a dor deixará provas não apenas de uma agressão ou de violências maiores – os próprios prazeres transformam-se em tormentos: banquetes causam indigestão, bebedeiras causam torpor dos nervos e tremores, libidinagem causa deformidades nos pés, mãos e em todas as articulações.

17. Ficarei pobre: vou estar entre a maioria. Ficarei exilado: vou me julgar um nativo do lugar para onde me mandarem. Serei agrilhado: e daí? Agora estou solto? A natureza me vinculou a este pesado fardo do meu corpo. Morrerei. O que estás dizendo é: “Já não poderei adoecer, não poderei ser agrilhado, não poderei morrer”.

24.18 Non sum tam ineptus ut Epicuream cantilenam hoc loco persequar et dicam vanos esse inferiorum metus, nec Ixionem rota volvi nec saxum umeris Sisyphi trudi in adversum nec ullius viscera et renasci posse cotidie et carpi: nemo tam puer est ut Cerberum timeat et tenebras et larvalem habitum nudis ossibus cohaerentium. Mors nos aut consumit aut exuit; emissis meliora restant onere detracto, consumptis nihil restat, bona pariter malaque summota sunt.

24.19 Permite mihi hoc loco referre versum tuum, si prius admonuero ut te iudices non aliis scripsisse ista sed etiam tibi. Turpe est aliud loqui, aliud sentire: quanto turpius aliud scribere, aliud sentire! Memini te illum locum aliquando tractasse, non repente nos in mortem incidere, sed minutatim procedere.

24.20 Cotidie morimur; cotidie enim demitur aliqua pars vitae, et tunc quoque cum crescimus vita decrescit. Infantiam amisimus, deinde pueritiam, deinde adulescentiam. Usque ad hesternum quidquid transiit

18. Não sou tão inepto a ponto de repetir a esta altura a cantilena epicurista e afirmar que é infundado o medo do mundo inferior, que Íxion não é revirado na roda, que a pedra nos ombros de Sísifo não é empurrada na direção contrária, que as vísceras de alguém não podem ser devoradas e renascer a cada dia: ninguém é tão pueril a ponto de temer Cérbero e as trevas e o feitiço fantasmático dos que se constituem de ossos desnudados. Ou a morte nos aniquila ou ela nos liberta: se desalojados, privados do nosso fardo, coisas melhores nos aguardam; se aniquilados, nada nos aguarda, foi igualmente removido o bom e o ruim.

19. Autoriza-me a esta altura a citar um verso teu, desde que antes eu te advirta que debes julgar ter escrito isto não para outros, mas para ti mesmo. É vergonhoso falar uma coisa e sentir outra. Ainda mais vergonhoso é escrever uma coisa e sentir outra. Lembro-me que um dia tu trataste deste lugar-comum: não tropeçamos na morte de repente, mas caminhamos até ela passo a passo.

20. Morremos um pouco a cada dia. De fato, a cada dia, uma parte da vida se perde. Então, também, enquanto crescemos, a vida decresce. Perdemos a infância, em seguida, a puerícia, em seguida, a adolescência. Todo o tempo que passou até o dia de ontem está extinto. Este dia

temporis perii; hunc ipsum quem agimus diem cum morte dividimus. Quemadmodum clepsydrum non extremum stilicidium exhaurit sed quidquid ante defluxit, sic ultima hora qua esse desinimus non sola mortem facit, sed sola consummat; tunc ad illam pervenimus, sed diu venimus.

24.21 Haec cum descripsisses quo soles ore, semper quidem magnus, numquam tamen acrior quam ubi veritati commodas verba, dixisti:

Mors non una venit, sed quae rapit ultima mors est.

Malo te legas quam epistolam meam; apparebit enim tibi hanc quam timemus mortem extremam esse, non solam.

24.22 Video quo spectes: quaeris quid huic epistolae infulserim, quod dictum alicuius animosum, quod praeceptum utile. Ex hac ipsa materia quae in manibus fuit mittetur aliquid. Obiurgat Epicurus non minus eos qui mortem concupiscunt quam eos qui timent, et ait: ‘ridiculum est currere ad mortem taedio vitae, cum genere vitae ut currendum ad mortem esset effeceris’.

mesmo que estamos vivendo, o dividimos com a morte. Do mesmo modo que não é a última gota que esvazia a clepsidra, mas tudo o que escorreu antes, também a hora derradeira, na qual deixamos de existir, não constitui sozinha a morte, mas ela sozinha a consoma. Chegamos, então, até ela, mas demoramos a chegar.

21. Depois que tinhas descrito estas coisas com a tua costumeira eloquência – de fato, sempre majestoso, contudo, nunca mais pungente do que quando colocas as palavras a serviço da verdade –, disseste:

A morte que vem a nós não é única, Porém, essa que nos leva é a última.

Prefiro que leias a ti mesmo que a minha carta. De fato, ficará claro a ti que esta morte que tememos é a derradeira, mas ela não está sozinha.

22. Sei o que aguardas. Questionas o que eu inseri nesta carta, que dito espirituoso de alguém, que preceito útil. Vai te ser enviado algo desta matéria mesma que tínhamos em mãos. Epicuro reprova igualmente os que cobiçam a morte e os que a temem, dizendo: “É ridículo correr para a morte entediado com a vida uma vez que foi com teu estilo de vida que provocaste essa corrida para a morte”.

24.23 Item alio loco dicit: ‘quid tam ridiculum quam adpetere mortem, cum vitam inquietam tibi feceris metu mortis?’ His adicias et illud eiusdem notae licet, tantam hominum imprudentiam esse, immo dementiam, ut quidam timore mortis cogantur ad mortem.

24.24 Quidquid horum tractaveris, confirmabis animum vel ad mortis vel ad vitae patientiam; in utrumque enim monendi ac firmandi sumus, et ne nimis amemus vitam et ne nimis oderimus. Etiam cum ratio suadet finire se, non temere nec cum procurso capiendus est impetus.

24.25 Vir fortis ac sapiens non fugere debet e vita sed exire; et ante omnia ille quoque vitetur adfectus qui multos occupavit, libido moriendi. Est enim, mi Lucili, ut ad alia, sic etiam ad moriendum incon-sulta animi inclinatio, quae saepe generosos atque acerrimae indolis viros corripit, saepe ignavos iacentesque: illi contemnunt vitam, hi gravantur.

23. Assim, noutra passagem ele diz: “O que é mais ridículo do que assediá a morte uma vez que tornaste inquietá a tua vida com o medo da morte?” Podes somar a esses ditos também aquele de mesmo teor, que tamanha é a imprudência dos homens, ou melhor, a demência, que alguns são coagidos a morte pelo temor de morrer.

24. Tratando com qualquer destes ditos, fortalecerás o espírito para lidar quer com a morte quer com a vida. De fato, devemos ser orientados e fortalecidos para ambos: nem amemos demais a vida nem a odiemos demais. Mesmo quando a razão nos persuade a dar cabo dela mesma, não se deve tomar a iniciativa às cegas e às pressas.

25. O homem corajoso e sábio não deve fugir da vida, mas sair dela e, acima de tudo, também deve evitar aquela paixão que conquistou muitos: a vontade de morrer. De fato, meu caro Lucílio, tanto quanto para outras coisas, também para a morte o espírito tem uma inclinação imprudente, que se apodera muitas vezes de homens dignos e de índole muito forte, outras tantas, dos covardes e passivos. Os primeiros têm desdém pela vida, os últimos se deixam oprimir por ela.

24.26 Quosdam subit eadem faciendi videndique satietas et vitae non odium sed fastidium, in quod prolabimur ipsa inpellente philosophia, dum dicimus ‘quousque eadem? nempe expergiscar dormiam, <edam> esuriam, algebo aestuabo. Nullius rei finis est, sed in orbem nexa sunt omnia, fugiunt ac sequuntur; diem nox premit, dies noctem, aestas in autumnum desinit, autumnus hiemps instat, quae vere conpescitur; omnia sic transeunt ut revertantur. Nihil novi facio, nihil novi video: fit aliquando et huius rei nausea.’ Multi sunt qui non acerbum iudicent vivere sed supervacuum. Vale.

26. Alguns ficam cansados de fazer e ver as mesmas coisas, e não têm ódio, mas um fastio com a vida. Escorregamos nesta direção com um empurrão da própria filosofia no momento em que afirmamos: “Até quando mais do mesmo? Com certeza, vou acordar e dormir, <vou comer> e ter fome, e sentirei frio e calor. Não existe o fim de coisa alguma, mas tudo foi conectado num ciclo, as coisas vêm e vão: a noite persegue o dia que persegue a noite, o verão desaparece no outono, o outono é pressionado pelo inverno, que é contido pela primavera. Assim, tudo passa para que possa voltar. Não faço nada novo, não vejo nada novo: em algum momento, também se enoja dessa situação”. Há muitos que julgam que viver não é amargo, mas supérfluo. Adeus.

Considerações finais

Quantas frases de efeito de Sêneca poderiam ser colhidas apenas nesta epístola e quantas delas classificadas como *sententiae*, máximas de sabedoria? Elenco quatro em que o balanceamento de seus elementos essenciais ganha expressividade por meio da aproximação sonora ou pela repetição: Ep.24.1: *Est sine dubio stultum, quia quandoque sis futurus miser, esse iam miserum*; Ep.24.5: *Vide quanto acrior sit ad occupanda pericula uirtus quam crudelitas ad inroganda*; Ep.24.13: *Non hominibus tantum, sed rebus persona demenda est et reddenda facies sua*; Ep.24.19: *Turpe est aliud loqui, aliud sentire: quanto turpius aliud scribere, aliud sentire!*

Parece-me muito apropriado o comentário de Anna Lydia Motto (1993, p.16) quando aponta que Sêneca obtém uma tensão peculiar (“distinctive tension”) ao associar o grandiloquente (*genus grande*) ao humilde (*genus humile*). O vigor resultante dessa combinação, evidente em toda a Epístola 24, ainda mais nas *sententiae* elencadas, é um instrumento de persuasão filosófica. Um instrumento de trabalho, não o resultado, digamos, involuntário de uma mente criativa. Claramente, não se trata de um discurso filosófico que sustenta um sistema feito do encadeamento inquebrantável de raciocínios. O rigor argumentativo cede terreno ao vigor argumentativo: *habeat uires magnas, moderatas tamen*, adverte Sêneca sobre a elocução filosófica na Epístola 40.8.

Tradutores da coleção de cartas de Sêneca, Graver e Long observam que “he is intensely serious about philosophical matters, but the letters are never to become just another philosophical treatise” (SENECA, 2015, p. 5). O mais apropriado, proponho, seria encarar essa obra senequiana como um discurso de provocação contínua ao diálogo, que encontra no gênero epistolográfico a liberdade de assim construí-lo: mais filosófico ou menos, conforme a conveniência, para a efetiva persuasão do(s) outro(s) – e de si mesmo – em favor de um argumento, neste caso, o da ética estoica.

Referências

- CÍCERO. *Epistulae ad Familiares*. Shackleton Bailey, Ed. Stuttgart: Teubner, 1988.
- EPICURO. *Epicurea: testi di Epicuro e testimonianze epicuree nella raccolta di Hermann Usener*. Traduzione e note di Ilaria Ramelli. Milão: Bompiani, 2007.
- FREITAS, Gustavo Araújo de. A epistolografia no tratado Sobre o Estilo de Demétrio e as primeiras reflexões sobre o gênero na Antiguidade greco-romana. *Estudos Linguísticos e Literários*, Número Especial, 55: 200-221, Salvador, 2016.
- KENNEDY, George A. *A new history of classical rhetoric*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- MAYER, Roland G. *Roman Historical Exempla in Seneca*. FITCH, John G., Ed. *Oxford Readings in Classical Studies – Seneca*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MOTTO, Anna Lydia; CLARK, John R. *Essays on Seneca*. Frankfurt: Lang, 1993.
- REZENDE, Antônio Martinez de. *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.
- SANTINI, Piero. *Seneca: Appunti sulla lingua e sullo stile*. *Nuova Secondaria*, n.6: 93-97, 2011, Anno XXVIII.
- SÊNECA. *Selected Letters*. A new translation by Elaine Fantham. Oxford: Oxford University Press, 2010a.
- _____. *Selected Philosophical Letters*. Translated with an Introduction and Commentary by Brad Inwood. Oxford: Oxford University Press, 2010b [2007].
- _____. *Letters on Ethics*. Translated with an Introduction and Commentary by Margaret Graver and A. A. Long. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2015.
- _____. *Epistulae Morales ad Lucilium*. Oxford Classical Texts. Edição de L. D. Reynolds. 2 volumes. Oxford/Nova York: Oxford University Press, 1965.
- _____. *Edificar-se para a morte: das Cartas morais a Lucílio*. Seleção, introdução, tradução e notas de Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

_____. Cartas a Lucílio. Tradução J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

STOWERS, Stanley K. The diatribe and Paul's letters to the Romans. Dissertation series. Society of Biblical Literature. Scholar Press, 1981.

SERENITY IN THE CRISIS: SENECA'S EPISTLE 24

ABSTRACT

In the imminence of a critical situation, there is no reason to anticipate suffering, warns Seneca in Epistle 24 of the voluminous correspondence of Stoic ethics addressed to his friend Lucilius. The sophistication of the author in the treatment of the philosophical matter adapted to the epistolographic genre comes to the fore in the use of the exempla and in the direct interlocution with death. This is an epistle that reveals a tense and unpredictable political context.

KEYWORDS: Seneca; Epistolography; Stoicism.